

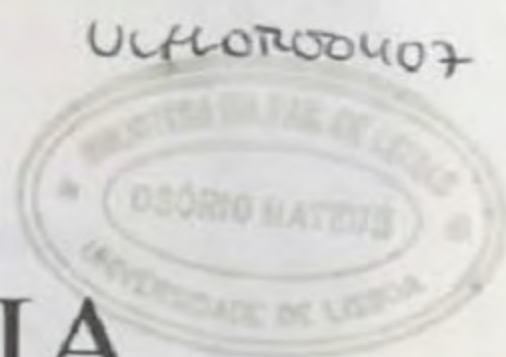
Miguel Rovisco

A História de Tobias



rolim

MIGUEL ROVISCO



A HISTÓRIA DE TOBIAS

(Drama em dois actos,
baseado no Livro de Tobias
do Antigo Testamento)



rolim

Título: A HISTÓRIA DE TOBIAS

Autor: Miguel Rovisco

Colecção Palco

Direcção de Colecção: Sara Góis

Capa: Plano Gráfico: José De Almeida
Ilustração: Fernanda Fragateiro
Logotipo da Colecção: Graça Martins

Tiragem: 2000 exs.

© edições rolim — Apartado 3079 — 1302 Lisboa Codex

Fevereiro de 1989

Primeiro Acto

PERSONAGENS

Ana

Tobite

Tobias

Rafael

Sara

Gabael

Edna

Vizinha, Judite Viúva

Mãe, do jovem morto

*e ainda mulheres, criadas, servos, vizinhas e um peixe
monstruoso.*

CENA 1

Primeiro Acto

Uma rua da cidade de Salvador.

Tres mulheres vestidas de negro estão sentadas num banco corrido.

Uma delas tem escondida na sua gartafa de vinho, da qual vai bebendo aos poucos.

Falam com moleza na voz.

Mulher 1. — O sol!

Mulheres 2, 3. O sol!

Mulher 1. — Alô!

Mulher 2. — Muito.

Mulher 1. — Calor!

Mulher 2. — Começa a apertar.

CENA I

Uma rua da cidade de Nínive.

Três mulheres vestidas de negro estão sentadas num banco corrido.

Uma delas tem escondida uma garrafa de vinho, da qual vai bebendo aos poucos.

Falam com moleza na voz.

Mulher 1 O sol!

Mulheres 2, 3 O sol.

Mulher 1 Alto!

Mulher 2 Muito.

Mulher 1 Calor!

Mulher 2 Começa a apertar...

Mulher 3 - Muito calor! (*Bebe um gole de vinho.*)

Mulher 1 Lá vai ela.

Mulheres 2, 3 Quem?

Mulher 1 A sobrinha da Rebeca Lavadeira.

Mulheres 2, 3 (*Abanando a cabeça.*) Infeliz...

Mulher 1 Morreu-lhe o filho à nascença. Eu vi-o: tão pequenino!

Mulher 2 Infeliz!

Mulher 1 Faz amanhã uma semana. Que pranto naquela casa!

Mulher 2 Uma semana ou um ano é indiferente: o negro fica bem à sobrinha da Rebeca Lavadeira. Ela que perca as ilusões: luto para o resto da sua vida.

Mulher 3 Também eu... — ah, que importa! (*bebe.*)

Mulher 1 (*Acotovelando as outras.*) A Joanelha.

Mulher 3 Onde?

Mulher 2 Parece uma sombra.

Mulher 1 Não ergue os olhos do chão.

Mulher 2 Pudera! Apressa o passo...

Mulher 1 Prefere ir dar a volta a passar perto da gente.

Mulher 3 Estúpida!

Mulheres 1, 2 O marido abandonou-a.

Mulher 3 Estúpida, devia dar-se por feliz.

Mulheres 1, 2 Ele foi viver com outra.

Mulher 3 Ela não podia ter filhos. Uma estéril!
(*Grita para fora.*) Foge, Joanelha, foge!
(*Ri com gosto, bebendo.*)

Mulher 1 A outra mora mais adiante. Dizem que todas as noites se embebedam os dois.

Mulher 3 Cada qual sabe de si e para as más línguas... (*Faz um gesto feio, com desprezo.*)

Pausa.

Mulher 2 Que calor!

Mulher 1 Muito.

Mulher 2 Esta luz crua quase nos cega a vista.

Mulher 3 (*Resmungando para si.*)... menos mal...

Mulheres 1, 2 Quê?

Mulher 3 Que importa! (*Bebe.*)

Mulher 2 Lá passa o pobre Tobite: a luz para ele...
(*Encolhe os ombros.*)

Mulher 3 É a paga de praticar o bem.

Mulher 1 Isso diz-se?

Mulher 3 Está dito.

Mulher 1 Essas coisas não se devem...

Mulher 3 Devem-se dizer, sim! A cegueira, como paga de tanto bem: agarrado a um bordão, às apalpadelas pelos muros... A vida é um jogo de azar, e o destino — batota, filhas!

Mulher 1 Estás possuída por um demónio!

Mulher 2 (*Referindo-se ao vinho.*) Já tens a tua conta.

Mulher 3 (Levantando-se do banco. Para fora.) Eh, Tobite! Tobite, filho de Tobiel, julgas que nós não sabemos? Não somos cegas nem parvas!

Mulher 1 Cala-te, endiabrada!

Mulher 2 (Para a Mulher 3.) Mal haja o sol que te aquece, víbora da garrafa!

Mulher 3 Tobite, o bom! Tobite, o homem de Deus — o grande palerma!

Mulheres 1, 2 (Levantam-se aflitas, começando a escarrar para o chão. Com muitos gestos, para Mulher 3.) Maldita a mãe que te gerou, maldita a ama que te amamentou, maldita a língua que te deu um marido...!

Mulher 3 (Para fora.) Julgas que nós não sabemos, hem? — caluda as duas, hipócritas! Ratazanas!

Mulheres 1, 2 Filha do pó!!

Mulher 3 Vê-me bem com esses teus ouvidos, Tobite... — parai de escarrar, mulheres! (Para fora.) Foste esconder o cadáver que estava na praça pública, para quê? Para o sepultares mais tarde, ao pôr de sol. Olha,

Tobite, o cego, eu também sou santa com a minha garrafa! *(Bebe duas goladas, desequilibra-se e cai sentada no banco.)* Já não me ouve... *(Para as outras mulheres.)* Agora pisai os vossos escarros, grandes porcas!

Mulher 1 *(Sentando-se.)* O Tobite é um homem bom, não tens o direito...

Mulher 2 *(Sentando-se.)* Faz o que mais ninguém do nosso povo tem coragem para fazer.

Mulher 3 E serviu-lhe de muito: está na miséria!

Mulher 2 Seja como for! *(Com ódio.)* Se os filhos da Humberta Gorda te ouvirem... *(Escarra para o chão.)*

Mulher 1 Os filhos da Humberta — ah-ah! *(Escarra com nojo.)*

Mulher 3 Um mar de escarros para os filhos dessa mulher! *(Escarra por sua vez.)*

Pausa.

Mulher 1 A Lúcia com o almoço para o marido que está no campo.

Mulher 2 Ainda ontem ele lhe deu pancada.

Mulher 1 Como sabes?

Mulher 3 (*Resmungando.*)... más línguas...

Mulher 2 A casa dela é mesmo ao lado da minha. Deu-lhe com o cinto, que até lhe arreben-tou a boca! Parecia uma cadela a ganhar.

Mulher 1 Porque lhe fez ele isso?

Mulher 2 Sei lá, coisas entre os dois: não sou mulher de me meter e em vida de vizinhos, muito menos. Só sei que até os grilos se calaram!

Mulher 3 Se um homem levantasse a mão para me bater... — ah, que importa!

Nova pausa.

Mulher 1 O sol...

Mulher 2 O sol...

*Mulheres
1, 2, 3* (*Bocejando.*) Que sono nos dá o sol do meio-dia!

CENA II

A casa de Tobite, onde há grande pobreza.

Ana está sentada ao tear, trabalhando.

Momentos depois, aparece à porta uma vizinha.

Vizinha Pode-se entrar?

Ana *(Sem tirar os olhos do trabalho.)* Entre, seja quem for.

Vizinha Sou eu, boas tardes. Não se canta nesta casa! Trabalha-se, trabalha-se... — que nas outras, verdade, também já se canta pouco. O tempo do riso, onde vai ele! Porque antigamente trabalhava-se a cantar. *(Senta-se.)* Um povo no cativeiro